

Hibridismo, censura e nacionalismo na produção radiofônica de emissoras fronteiriças durante o Estado Novo¹

Lindamir Ester Adamczuk e Ada Cristina Machado da Silveira***

Introdução

O contexto de instalação e funcionamento de emissoras radiofônicas durante as décadas de 1920 a 1940 possuiu um caráter experimental e estava sujeito às determinações governamentais. O reflexo do período apresenta-se na implantação de medidas como a doutrina de segurança nacional, a inclusão dos territórios de fronteira em área de segurança nacional, com uma infinidade de reflexos, inclusive na instalação e funcionamento de meios de comunicação. Juntamente a isso, uma das características do governo ditatorial de Getúlio Vargas foi a cooptação das massas, inclusive fazendo uso da propaganda ideológica para criar um ideal de sociedade integrada cujas diferenças estivessem anuladas. Em face disso tudo, a região de fronteira configurou-se num espaço especial. Como área de segurança nacional, ela estaria à mercê do perigo de penetração de ideologias e de ocorrência de invasões que pusessem em risco a nação brasileira, ressaltando-se o papel desempenhado pelos meios de comunicação ao processo de homogeneização cultural e, no caso específico das emissoras de rádio, desenvolvendo-se numa mescla entre o ideal nacional e as especificidades dos espaços locais nos quais se inseriam.

* Graduada em Comunicação Social, especialista em História (UFSM), membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Comunicação, identidades e fronteiras.

** Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria; membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Comunicação, identidades e fronteiras.

Descrição da pesquisa

Para este trabalho foram tomadas como objeto de estudo quatro emissoras radiofônicas localizadas em pontos distintos das *Terras de Fronteira*.² A rádio *Pelotense*, de Pelotas, a rádio *Charrua*, de Uruguaiana, a breve experiência ocorrida em Erechim chamada *Nota Alegre da Cidade* e, por fim, a rádio *Imembuí*, de Santa Maria.³

Procuramos situar o fenômeno da radiodifusão, mostrando a convivência entre a noção oficial de fronteira construída dentro do modelo político da Era Vargas e o cotidiano dos habitantes da fronteira marcado também por práticas de hibridismo cultural.⁴

Uma das características da Rádio *Pelotense* – e que será encontrada também na rádio *Imembuí*, de Santa Maria, por ocasião de sua fundação –, foi o número de pessoas envolvidas no empreendimento. Segundo informações organizadas por Gilberto Amaral Gomes, antigo radialista da *Pelotense*, e fornecidas pela emissora, esse número ficou em torno de cem pessoas que se agregaram para levar adiante o projeto.

Pouco restou na rádio *Pelotense* que possa servir para retratar os anos em estudo. Luiz Artur Ferraretto (2002) revisa jornais em circulação em Pelotas em 1925, como o *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, bem como os jornais de Porto Alegre *Correio do Povo* e *A Federação*. Neles, encontra divergências a respeito da data de fundação da emissora. Conforme os periódicos e pelas conclusões de Ferraretto, a emissora funcionou em caráter experimental, sem muita regularidade nas suas transmissões até 1928, quando o *Diário Popular* novamente noticia a inauguração da emissora.

De forma diferenciada da rádio *Pelotense*, a rádio *Charrua* teve o início de suas transmissões historicamente definido. Não só pelo que os jornais de setembro de 1986 (*O Jornal de Uruguaiana*, a *Gazeta de Uruguaiana*) noticiam, por ocasião da passagem dos cinquenta anos da emissora, mas também pela manutenção de equipamentos e documentos na própria emissora, além de página na Internet com histórico acerca do seu funcionamento, não há divergências na data de fundação. Isto não significa, no entanto, que a sua trajetória tenha se iniciado em 20.09.1936.

Mais do que as demais emissoras selecionadas para este estudo, a rádio *Charrua* parece dar melhor a idéia da grande novidade

que representava a radiodifusão na época para os habitantes de Uruguaiana e da região da tríplice fronteira Brasil-Uruguai-Argentina. A impressão que se tem sobre a sua atuação desde os primeiros tempos permite acreditar que significava algo extremamente avançado, mas, ao mesmo tempo, sério e profissional. Pelo menos é isso que a emissora transmite através dos seus documentos (como, por exemplo, livro caixa, livro de registro de empregados, livro de registro de anunciantes), equipamentos antigos e postura empresarial.

Quando Juan Izidro Cobelli, de nacionalidade Argentina, fundou a emissora em Uruguaiana em 1936, ela funcionou sem obter a autorização governamental até 1939. Em função da II Guerra Mundial e pelo fato dele ser estrangeiro, o governo suspendeu as atividades da emissora. Para contornar a situação, seu fundador reuniu sete sócios brasileiros, conforme demonstra o seu estatuto assinado em Uruguaiana, em 30.07.1940. Em 7.09.1941, o presidente Getúlio Vargas, reiterou a autorização de funcionamento da emissora. A formação da *Rádio Charrua Sociedade Anônima* (ZYC 6), foi bem definida pelo seu estatuto, o qual traz especificadas as normas referentes à duração da sociedade, à direção da emissora, ao capital, à distribuição de lucros etc.

Novamente de forma diferente do que foi visto com relação à rádio *Pelotense*, a *Charrua*, ela surgiu da iniciativa individual, muito embora isso tenha sido modificado pelo fato do seu fundador ser argentino. Talvez em função do próprio tipo de iniciativa da qual surgiu a rádio *Charrua*, a prática de venda de espaços para anunciantes marcou a programação da emissora desde o início.

Com o título “Festivamente inaugurada a rádio experimental” foi noticiada a inauguração de uma emissora radiofônica em caráter experimental, no município de Erechim em 31.10.1938. Nessa época, Erechim era o nome que designava toda a área de abrangência do município, enquanto que a sede, onde se localizava a cidade, era designada por José Bonifácio.

O serviço de alto-falantes denominado *Nota Alegre da Cidade* surgiu da iniciativa individual de Acelino Rigo, então com 22 anos. Recém retornado do serviço militar, onde atuava como técnico em eletrônica, ele instalou a emissora, simultaneamente com um serviço de alto-falantes pelas ruas da cidade. Segundo *A Voz da Serra*, de

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Erechim, a emissora foi ao ar às 21 horas de 31 de outubro “quando o sub-prefeito do 1º distrito, Sr. Aldo Arioli, representado o prefeito Henrique Córdova, declarou inaugurada a emissora”.

A estação transmitia com um velho transmissor da PRC2 Rádio *Gaúcha* de Porto Alegre. Numa entrevista concedida a Milton Doninelli em 1995, Acelino Rigo, contou que comprou o equipamento de transmissão em Caxias do Sul, da firma Agostinhelli e Cia. Essa firma possuía um serviço de alto-falantes com uma potência de 1360 KHz de transmissão.

Apesar do funcionamento da emissora ser experimental, Doninelli identificou a existência de anúncios de lojas e também apontou o serviço de recados e avisos realizado pela emissora. Seu alcance era pequeno e atingia somente a cidade e seus arredores e a experiência teve pouca duração. Enquanto algumas das fontes definem a razão para o fim do seu funcionamento como tendo sido a eclosão da II Guerra Mundial, uma vez que ela não possuía licença para funcionar, outras afirmam que a emissora cessou suas atividades devido ao corte de energia elétrica determinado pelo prefeito, Henrique Córdova. A mencionada *Rádio Experimental* exerceu suas atividades durante quase nove meses entre 1938 e 1939.

Seja lá qual tenha sido realmente o motivo pelo qual a emissora cessou seu funcionamento, deve-se considerar que era necessária uma certa dose de persistência dos seus fundadores. Outro fator a ser considerado é que a concessão de uma emissora não era coisa que fosse obtida rapidamente. Relações políticas eram de fundamental importância, dado que a concessão do poder federal passava, necessariamente, pela anuência pessoal do presidente Getúlio Vargas, um fronteiro de São Borja que mantinha pleno conhecimento dos vínculos político-partidários do estado que havia governado. Além disso, Erechim, localizada na região colonial, possuía população de origem alemã, italiana, polonesa e israelita, o que lhe conferia um caráter especial no momento em que a II Guerra Mundial definia também a política de comunicação do estado brasileiro.

Antes que se passe diretamente aos dados da rádio *Imembuí*, é necessário registrar a existência de uma outra emissora em Santa Maria, que precedeu a *Imembuí*. Pelas informações fornecidas por

Wilson Aita, a emissora denominava-se *Rádio Sociedade Santa - mariense* e não tem nenhuma relação com a rádio *Santamariense* da atualidade. Tendo sido fundada em 1934, funcionou por um período efêmero, mas chegou a possuir um estatuto assinado em cartório, em 9.07.1934. O fato de ser essa a data de sua assinatura indica que houve um período antes no qual ele foi organizado, o que significa também que a emissora devia ter funcionado havia já um certo tempo.

A rádio *Imembuí*, a última emissora a ser instalada das que foram escolhidas para este estudo, tem com data de fundação oficial 13.02.1942. Esta, entretanto, não parece ser a data em que as transmissões se iniciaram, segundo informações de Antonio Abelin. Outro elemento que faz convergir conclusões nesse sentido refere-se à data em que se comemorou o primeiro aniversário da emissora: 02.07.1945, como demonstram as notas publicadas no jornal *A Razão* no fim do mês de junho e início de julho de 1945. Se a data da comemoração do primeiro aniversário da emissora estiver correta, então ela realmente teria iniciado as suas atividades em 02.07.1944, mais de dois anos depois da data em que foi fundada oficialmente. Porém, a data em que foram comemorados os cinquenta anos da rádio *Imembuí* foi 13.02.1992, como atesta novamente o jornal *A Razão*.

Ela já nasceu como uma sociedade tendo como fundadores cerca de 100 acionistas. Essa parece ter sido uma prática comum em relação às iniciativas de instalação de veículos de comunicação locais, pois, além das emissoras radiofônicas, ela se repetirá em 1969, com a *TV Imembuí* em Santa Maria. Não é possível afirmar com certeza, mas esse tipo de prática de certa forma contribuía para o sucesso do empreendimento na medida em que representava os interesses de uma parcela significativa da população e não só dos sócios.

Pelo que se observa nos jornais e pela quase ausência de registro na memória das pessoas mais antigas, a rádio *Imembuí* não parece ter causado tanto impacto na comunidade por ocasião de sua fundação quanto as demais emissoras. Mesmo já estando no ar há pelo menos dez anos a rádio *Pelotense* tinha a sua programação publicada com grande frequência nos jornais, fato que não se verifica com a *Imembuí*. Sem falar que em Pelotas já existia outra emissora, a

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

rádio *Cultura*. Ou talvez, a existência de concorrência tivesse determinado o cuidado de divulgar a programação antecipadamente.⁵

Análise dos resultados

Em um relatório da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT) de 1996, encontrou-se a relação de emissoras existentes até aquele momento com as respectivas datas de fundação. Realizando-se uma comparação entre o número de emissoras localizadas nas *Terras de Fronteira* e o número de emissoras da parte restante do estado gaúcho, nas décadas de 1920 a 1940, constatou-se que o número das primeiras é superior ao do restante do estado. Nelas foram localizadas 20 emissoras enquanto que havia apenas 13 no restante do estado.

A nascente radiodifusão brasileira apresenta aspectos elucidativos no que concerne ao desenvolvimento da política de comunicação no país. Enquanto Haussen (1996, p. 24) considera que “o aparecimento do rádio não tenha relação com os tipos de governo à época, mas sim com o avanço das pesquisas tecnológicas que vinham sendo realizadas desde o século anterior”, para Capelato (1998, p.76), “o rádio brasileiro nasceu sob controle estatal”. Nesse ponto, Haussen se refere mais ao desenvolvimento técnico e sua difusão social, enquanto Capelato direciona sua visão para a instalação das emissoras como resultado de ações e interesses políticos.

Muitos exemplos patrióticos comprovam que a atuação da rádio *Charrua* estava coerente com o que foi determinado no seu estatuto de 1941: “contribuir para a educação científica e literária do povo, com divulgação de conferências, palestras, concertos e informações noticiosas e críticas; cooperar com o Governo nas iniciativas patrióticas e fins de interesse público”.

Em um importante estudo sobre a propaganda política nos regimes de Vargas e Perón, Maria Helena Capelato (1998), procurou mostrar como os dois governos fizeram uso da propaganda governamental de forma a mobilizar as massas em prol da sustentação de seus regimes. Do ponto de vista da Comunicação, pode-se dizer que tanto Vargas quanto Perón buscaram também com

este veículo o comprometimento de toda a população através da eliminação das diferenças entre as classes.

A autora enfatizou a inspiração nazi-fascista da propaganda governamental do período Vargas (Capelato, 1998 e 1999) e, entre as suas principais estratégias, aponta a utilização do recurso fotográfico e dos símbolos nacionais. No Estado Novo, a construção de símbolos que representavam ideais positivos ocorreu em contraposição à construção de outros símbolos com significados opostos. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Estado Novo representava o ideal, o desenvolvimento, a unidade, a segurança, o comunismo representava a desintegração, a ameaça, o perigo, juntamente com os políticos da Velha República, taxados de incompetentes em comparação com o novo regime (1998, p. 52-53).

O material utilizado como fonte de propaganda veiculada nas emissoras de rádio constituía-se basicamente dos “discursos de Vargas, proferidos em inaugurações, comemorações e visitas, assim como o de seus ministros e assessores” (Capelato, 1999, p.173). Em relação às emissoras consultadas foram encontrados poucos indícios a respeito da divulgação desse tipo de material, além da retransmissão diária de a *Hora do Brasil*. De discursos governamentais, somente uma ocorrência foi registrada nos jornais consultados, em relação à rádio *Pelotense*.

Sobre a veiculação de propaganda governamental direta pela rádio *Charrua*, o radialista Ubirajara Nolasco considera que “não havia como hoje. A divulgação das notícias, por exemplo, de âmbito nacional, do PTB, da UDN, do PL, do PSD, eram transmitidas a líderes de cada cidade e eles iam às emissoras para divulgar. Não havia nenhum horário político específico no país”. Isso afóra a *Hora do Brasil*, utilizada pelo governo para divulgar as suas ações políticas e obras realizadas.

Para fechar o quadro que compõe a divulgação da propaganda governamental e a construção da imagem do regime de Vargas, resta estabelecer uma conexão com a censura, ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), ocorrida em 27.12.1939, órgão que prescreveu a linha de conduta aos meios de comunicação da época. Em relação à sua aplicação ao rádio, Haussen (2002, p. 23) enfatiza que a censura no rádio era exercida por dois meios: “pela Divisão de Radiodifusão e pela presença do censor no veículo, em casos

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

especiais". A autora comenta que a censura "era total, tendo desaparecido qualquer oposição. Abrangia todos os casos, dos discursos aos programas de estúdio, como era na época a radio-novela, ainda no seu início".

A aplicação da censura passou a ocorrer de forma mais sistemática, a partir da criação do DIP. Porém, a censura prévia aos meios de comunicação já existia desde a Constituição de 1937. A sua aplicação pode ser observada através das determinações contidas numa carta recebida pela rádio *Charrua* em 25.10.1937, enviada pela 2ª Secção do Quartel General de Porto Alegre seguindo orientações do Ministério da Guerra. Entre os órgãos sujeitos à ação da censura estavam a imprensa, correios e telégrafos, companhias telefônicas, telégrafo da Viação Férrea, estações rádio emissoras, inclusive as de amadores, agências telegráficas etc. A mesma correspondência foi publicada no jornal *A Nação* de Uruguaiana na mesma data. É possível perceber pelo conteúdo da carta que as recomendações não eram tão exigentes em relação às emissoras radiofônicas e que se esperava um rigor maior por parte dos jornais. Também não se observou nenhuma especificação mais grave dirigida diretamente às estações transmissoras. De um modo geral, o que está prescrito para os jornais valia também para as emissoras.

Semelhante correspondência também foi encontrada publicada no jornal *A Nação* de Uruguaiana na data de 17.05.1937. Além de rápida recomendação sobre a censura o documento especificava os meios de comunicação sujeitos à censura em Uruguaiana que eram a Repartição dos Correios e Telégrafos, a Companhia Telefônica a Viação Férrea, a rádio *Charrua* e os jornais *A Nação* e *A Fronteira*.

De um modo geral, a programação das emissoras consultadas era variada, mas todas as emissoras possuíam: programas musicais (gravados, ao vivo); notícias/cobertura de atividades esportivas (com transmissões de partidas de futebol e competições, como a *Copa do Mundo de 1938*); radioteatro/radionovela; *shows* de calouros, programas de auditório, humor; retransmissão da *Hora do Brasil*; transmissão de comunicados para o interior dos municípios; programação político-partidária local; programas de atividades de colégios (realizados pelos estudantes) e de sindicatos; palestras / programação especial com caráter cívico e produzidas em datas comemorativas (dia do professor etc.).

O cotejo entre a atuação das emissoras radiofônicas e seu registro pela imprensa diária local leva a crer que a imprensa escrita fazia a crônica do cotidiano das emissoras. Era comum, por exemplo, publicar-se a contratação de um novo *speaker*, a aquisição de um novo transmissor ou equipamentos com vistas a melhorar as transmissões, ou até mesmo explicar o motivo pelo qual a emissora permanecia sem transmitir por alguns períodos de tempo.

Iniciando-se com a rádio *Pelotense* (PRC-3), a mais antiga dentre elas, buscou-se a programação em dois jornais locais, no mesmo período (1937), a programação e a emissora como um todo obteve mais divulgação por parte d'*A Opinião Pública* do que pelo outro periódico *Diário Popular*.

O diário *A Opinião Pública* criou em 1937 uma espécie de editoria denominada *Pelo Rádio - o que vai pelas nossas estações de rádio*, em cujo espaço eram publicadas notícias sobre as emissoras da cidade. Pela análise da editoria, na qual foram registradas desde a programação das emissoras até críticas e sugestões de ouvintes, pode-se estudar a atuação da rádio *Pelotense*. Na sua programação para o ano de 1937 foi encontrada somente uma notícia a respeito de transmissão de discurso governamental. O título da notícia diz o seguinte: "O Sr. Getúlio Vargas dirigiu-se à nação, pelo rádio". A *Pelotense* ainda apresenta um traço marcante em relação a sua programação que consiste nas críticas recebidas pela audiência, nas quais se verifica a insatisfação para com as apresentações artísticas realizadas pela emissora.

Há alguns traços significativos na programação da rádio *Charrua* que até hoje são lembrados por aqueles que fazem ou fizeram parte da emissora. Um deles refere-se à transmissão de comunicados para o interior dos municípios como já foi comentado e que é tido como um dos serviços de utilidade pública mais importantes realizados pela emissora ao longo de praticamente toda a sua atuação até a atualidade. O alto grau de importância deste serviço se verifica na medida em que o rádio constituía-se no único meio de comunicação entre a área urbana e rural de um dos municípios com maior extensão territorial do estado gaúcho.

Sem desprezar o papel central que o serviço radiofônico ocupa na vida política das suas comunidades, retoma-se ao entretenimento para apontar que a emissora *Nota Alegre da Cidade*, de Erechim, em

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

que pese sua breve existência, não fugiu ao padrão das demais emissoras. Ela apresentou durante seu funcionamento uma programação musical com gêneros variados que iam da música popular brasileira, tango, bolero e música norte-americana, apresentações musicais ao vivo com músicos amadores da cidade, além de reclames comerciais das lojas que compunham a sede municipal, recados e avisos. A música nacional de artistas famosos como Vicente Celestino, Luiz Gonzaga, Pedro Raimundo e Orlando Silva, informou Milton Doninelli, rodava repetidamente na emissora. Já a apresentação de músicos locais na emissora ocorria na forma de serenatas, principalmente à noite quando havia um programa dedicado a elas.

Por fim, cabe ressaltar que ao estudar a programação das quatro emissoras não se pode deixar de considerar a sua localização fronteiriça, próximas de outros dois países, de outras culturas, outro idioma, outros hábitos de vida, outras nacionalidades. Essa aproximação com os países do Prata não ocorria só por parte dos habitantes da faixa de fronteira e de suas instituições, mas, no que se refere ao rádio, de todo o Rio Grande do Sul. Na verdade, em relação ao rádio ocorreram dois fenômenos: um era o alto nível técnico das emissoras platinas, e o outro era o fato de que os estilos musicais platinos eram apreciados no sul do Brasil e executados pelas emissoras radiofônicas.

Alguns outros fatores vão contribuir para essa configuração. O radialista Armindo Antônio Ranzolin afirmou em entrevista pessoal que as emissoras gaúchas eram de pouco alcance, e que elas estavam muito ligadas ao rádio argentino: “quer dizer, influenciadas pelo rádio argentino. Como é que o tango chega ao Brasil? Chega pelo rádio. As nossas emissoras aqui tinham uma execução das músicas argentinas, o tango era tão executado como o samba”.

Ranzolin analisa ainda a atuação da rádio *Nacional* e sua encampação pelo governo em 1940 ocorreu para que a “emissora pudesse transmitir conteúdos de brasilidade. Aí, essa não é uma rádio para tocar tango, não. Essa era uma rádio para tocar música popular brasileira”. De certa forma, isso poderia significar que apesar de as emissoras fronteiriças preocuparem-se em divulgar as músicas nacionais à região da fronteira, elas ficavam liberadas para também transmitir outros gêneros, como o tango, por exemplo.

Quanto mais a análise se aproxima da fronteira, mais esse processo se intensifica. É o que comenta Luiz Machado Stabile. Sua fala dá conta de uma outra realidade muito comum nas cidades que fazem divisa com cidades de países vizinhos. Em Uruguaiana, esse sentimento de proximidade, identificação e pertencimento ao ponto de contato entre dois mundos que se pretendem diferentes, mas que no cotidiano não o são, cria uma visão própria para aquele espaço. Como ironizou Stabile “até se diz assim a título de brincadeira que Uruguaiana é um país amigo do Brasil”.

Conclusões

A análise da atuação das emissoras radiofônicas e a caracterização da sua produção cultural num período marcado por contradições, numa região de grande diversidade cultural, produto do contato de três países diferentes, mas que, ao mesmo tempo, era parte de um território que tendia a homogeneizar-se culturalmente, possibilitam que se chegue a algumas conclusões bastante pertinentes ao estudo das políticas de comunicação.

Cada uma das emissoras escolhidas reúne em torno das circunstâncias de sua fundação elementos únicos, os quais, ao mesmo tempo em que conferem à emissora as marcas da sociedade que lhe deu origem, também demonstram a existência de um panorama diversificado, cujas iniciativas retratam estágios de produção e consumo cultural diferenciados. Nesse sentido, enquanto a rádio *Chama* (1936), o serviço de alto-falantes *Nota Alegre da Cidade* (1938) e a rádio *Imembuí* (1942) recém iniciavam as suas transmissões em caráter experimental no período 1937-45, a rádio *Pelotense* já estava no ar há pelo menos 10 anos. Outras constatações:

Processo de constituição das emissoras - as iniciativas individuais apresentaram-se na rádio *Charrua* e na *Nota Alegre da Cidade* e, as coletivas, na rádio *Pelotense* e na *Imembuí*. Pode-se concluir que as iniciativas coletivas tiveram mais chances de ser bem sucedidas que as individuais, não só pelo fato de reunirem mais sócios, mas pelo fato de, entre os sócios, encontrarem-se pessoas influentes sócio-politicamente.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Programação - constata-se que se tratava ainda de um veículo com um caráter marcadamente elitista, montado, na maioria das vezes, por indivíduos da elite e a sua programação não fugia aos anseios culturais dessa classe.

Produção / veiculação de conteúdos de caráter nacional e local - é possível afirmar que as emissoras apresentavam uma postura nacionalista ou, no máximo, uma postura de neutralidade duvidosa, como Vargas em relação ao Eixo e aos Aliados. A programação de conteúdo nacionalista estava presente na disseminação do samba e das marchinhas como estilos musicais nacionais e nas mensagens contidas nas suas letras e na *Hora do Brasil*, quadros que eram utilizados como meios para divulgar positivamente o regime, além da esporádica transmissão de discursos governamentais.

Censura - se nem sempre estava determinado o que devia ser dito, considerava-se impedido divulgar idéias contrárias ao regime, mesmo que os conteúdos que chegassem ao rádio (como certas notícias), com exceção dos programas que eram produzidos na própria emissora, já tivessem passado por vários filtros de censura.

Neste sentido, *verifica-se um fenômeno de transmutação da inserção cívica, pelo qual o local se reveste de nacional*. Isso é constatado quando as músicas consideradas nacionais são interpretadas pelos artistas locais, quando símbolos, datas e outros elementos representativos do que se considerava expressão da nacionalidade foram apropriados e homenageados pela comunidade local e, outras vezes, simplesmente atribuídos a ela, como se sempre tivessem integrado sua memória e contido um significado específico para a comunidade. Exemplo disso foi a comemoração cívica de Tiradentes e a homenagem ao centenário do nascimento do Marechal Floriano Peixoto pela rádio *Chama* em 1939.

A presença nacionalista na atuação das emissoras não era incompatível com a veiculação de outros gêneros musicais da cultura platina e norte-americana. Aparentemente a sua presença não representava nenhum problema ao projeto político nacional e, ao contrário, pode-se até dizer que a instalação e o funcionamento de emissoras na região de fronteira mais serviu aos propósitos do regime do que atuou contra ele, uma vez que se observa pela programação a difusão da ideologia nacionalista contribuindo para desenvolver na mentalidade fronteira a noção de um nacionalismo

de inserção periférica, franqueou a defesa de um ideal de brasilidade, contrastando com a precária integração anterior. Faz-se procedente, neste contexto, indagar se a existência de quase o dobro de emissoras na faixa de fronteira em relação ao resto do estado durante as décadas de 1920 a 40 devia-se somente ao fato de ser uma região economicamente rica.

Sobre a veiculação de músicas platinas, bem como sobre a audição das emissoras platinas no Rio Grande do Sul, seria um contra-senso se elas não ocorressem em face das intensas relações culturais existentes entre os habitantes de ambos os lados da faixa de fronteira. No plano político, a relação entre os países tinha uma determinada especificidade. Ainda que isso tivesse alguns reflexos no plano cultural, no cotidiano das populações fronteiriças a realidade seguia um curso próprio que obedecia a suas regras e atendia seus anseios. No plano cultural, o local, o nacional e o intemacional se cruzavam adquirindo uma configuração própria da sua condição híbrida de fronteira.

Notas

1. O relato de pesquisa sintetiza aspectos da Monografia de Graduação “Comunicação e Nacionalismo: a produção radiofônica nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional (1937-45)” finalista do Prêmio INTERCOM 2004, categoria de Mídia Sonora.
2. A escolha das emissoras pela sua localização espacial pertencem ao que denominamos *Terras de Fronteira* (SILVEIRA, 2003), territórios que historicamente integraram a fronteira brasileira em expansão para oeste.
3. Pelotas, uma das mais antigas cidades gaúchas e das mais ricas também, possuía em 1940, 104.553 habitantes. Uruguaiana contava com 34.818 habitantes. Santa Maria possuía, naquele ano, 75.597 habitantes. Erechim tinha 107.035 habitantes (Cf. IBGE, 1940).
4. A utilização de entrevistas, a localização de fontes documentais e o levantamento de dados em periódicos da época, a par da literatura específica sobre o tema, foram definitivos para o resultado final.
5. Os registros encontrados tiveram como principal fonte os jornais que lhes são contemporâneos. É necessário frisar que os jornais ainda possuíam uma postura

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

político-partidária bem definida. Entre os jornais consultados estão *A Razão*, de Santa Maria, órgão do grupo paulista *Diários Associados*, *A Nação* e *O Jornal*, de Uruguaiana, o *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, de Pelotas.

Referências bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 167-178

_____. Propaganda política no varguismo e peronismo: caminhos metodológicos. In: FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: ULBRA, 2002.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio, Populismo e Cultura: Brasil e Argentina (1930-1955). *INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. XIX, n.1, p.23-32, jan./jun. 1996.

_____. Rádio e Populismo no Brasil: décadas de 30 e 40 do século XX. *Verso & Reverso*. São Leopoldo, n.35, p.19-30, jul./dez. 2002.

SILVEIRA, Ada C. Machado da. Borderlands. The variety of communication strategies in Southern Brasil. In: MIÈGE, B. et TREMBLAY, G. *2001 Boggles. Globalisme et pluralisme. TIC et société*. Sait-Nicolas (Canadá): Université Laval, 2003. p. 271-283.

Jornais e documentos:

A NAÇÃO. Uruguaiana. 1937

A NAÇÃO. Uruguaiana. 1944

A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas. 1937

A RAZÃO. Santa Maria. Maio, junho, julho e agosto/1945.

Charrua comemorou com festa seus 50 anos de fundação. *O Jornal de Uruguaiana*, 25 set. 1986.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas. 1937

Festivamente inaugurada a rádio experimental. *A Voz da Serra*, Erechim, 5 nov. 1988.

O JORNAL. Uruguaiana. 1938-1939

Rádio Charrua completa 50 anos neste sábado. *O Jornal de Uruguaiana*, 18 set. 1986.

Censo do IBGE - 1940.

Documentos da Rádio Charrua: cartas, Estatutos da ZYC 6 – Rádio Charrua Sociedade Anônima, Livro de Registro de Empregados, Livro Caixa, Livro Registro de Contractos.

Documento sonoro. *50 Anos de Memória Brasileira*. Edição da Assessoria de Comunicação da BASF Brasileira Indústrias Químicas S.A. (Anos Vargas - 1934-1954). Museu das Comunicações Hipólito José da Costa.

Documentos sonoros. *Nosso Século* (Abril Cultural). Anos Vargas (1937-1946). Museu das Comunicações Hipólito José da Costa.

DONINELLI, Milton. *O rádio na região norte do estado - Alto Uruguai*. Erechim, maio 2000. Arquivo Histórico.

Entrevistas:

ABELIN, Antonio. Santa Maria, 28 set. 2003.

AITA, Wilson. Santa Maria, 08 out. 2003.

DONINELLI, Milton. Erechim, 27 dez. 2002.

NOLASCO, Ubirajara. Uruguaiana, 28 out. 2003.

RANZOLIN, Armindo Antônio. Porto Alegre, 27 ago. 2003.

RIGO, Acelino. *Entrevista concedida a Milton Doninelli*. Guarapuava, 21 set. 1995.

STABILE, Luiz Machado. Uruguaiana, 29 out. 2003.

ZAPPE, Cláudio. Santa Maria, 01 out. 2003.

